CAPÍTULO 4: Como a essência deve ser entendida como gerada no Filho e aspirada no Espírito Santo

Entre os ditos dos Pais mencionados acima encontra-se a afirmação de que a essência é gerada no Filho e aspirada no Espírito Santo. Pois Atanásio, em seu terceiro discurso sobre os Atos do Concílio de Niceia, falando na pessoa do Filho, diz: “Distribuo aos homens o teu Espírito juntamente com a essência divina gerada de ti.” E um pouco mais adiante: “Da tua essência que geraste em mim, eu dou o Espírito Santo a eles.” O mesmo Pai escreve em sua carta a Serapião: “O próprio Pai, mantendo em si mesmo sua essência de forma inefável, a gerou toda e inteira em seu Filho.” E novamente: “Assim como o Pai tem vida em si mesmo, ou seja, uma natureza vivificante, assim ele deu ao Filho ter vida em si mesmo, ou seja, ele gerou no Filho a mesma natureza que aspira um Espírito vivente.” Posteriormente, ele diz do Pai e do Filho “que a divindade é naturalmente uma que aspira um Espírito Santo.” Desses trechos, conclui-se que no Filho a natureza divina aspira o Espírito Santo.

Cirilo, em seu *Tesouro* contra os hereges, afirma: “O poder, incriado e gerado no Filho, pertence ao Filho segundo toda a modalidade da natureza do Filho.” E novamente: “O Pai dá vida ao Filho, ou seja, ele gerou sua vida natural no Filho.” E Basílio diz: “O próprio Filho que o Pai nos dá é Deus em essência gerado de Deus, tendo em si a totalidade da essência do Pai como gerado.” Atanásio igualmente afirma em sua carta a Serapião que a essência divina no Espírito Santo é aspirada. Ele diz: “O Espírito Santo é a verdadeira e natural imagem do Filho em virtude da essência totalmente aspirada nele pelo mesmo.”

Essa maneira de falar, no entanto, é altamente enganosa, e no Concílio [Quarto] de Latrão o ensino de Joaquim, que presumiu defendê-lo contra Mestre Pedro Lombardo, foi condenado. Na 5ª distinção do seu Primeiro Livro das *Sentenças* o mencionado Mestre Pedro mostra que a essência comum não gera, não é gerada e não procede; isso porque em Deus há um elemento comum indistinto e um que é distinto e não comum. Portanto, aquilo que é o fundamento da distinção em Deus não pode ser atribuído ao que é comum e indistinto, mas apenas ao que é distinto. Não há, no entanto, outro fundamento de distinção em Deus senão este: que uma pessoa gera, outra é gerada e outra procede. Portanto, gerar ou ser gerado ou proceder não pode ser atribuído à essência divina, que é comum e indistinta nas três pessoas. O que é distinto em Deus, no entanto, é a pessoa ou hipóstase ou suposto da natureza divina, ou seja, o que possui a natureza divina.

Assim, esses termos que significam ou podem representar uma pessoa recebem a predicação apropriada de geração ou de processão. Assim, esses termos: Pai, Filho e Espírito Santo, conotam pessoas específicas, enquanto este termo: pessoa, ou hipóstase, conota-os genericamente. Assim, é próprio dizer que o Pai gera o Filho, e que o Filho é gerado do Pai e que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, e também que uma pessoa gera ou aspira uma pessoa, ou é gerada ou aspirada por uma pessoa.

O termo Deus, no entanto, porque significa a essência divina como existente concretamente—pois significa alguém que possui divindade—pode, portanto, por causa de seu modo de significar, representar uma pessoa e assim as seguintes formas de falar são corretamente permitidas: Deus gera Deus; Deus é gerado ou procede de Deus.

Mas os termos essência e divindade e qualquer outro que conote abstratamente não podem, por razão de seu modo de significar, significar ou representar uma pessoa. E assim, as propriedades pessoais não podem ser corretamente predicadas da essência ou da divindade, por exemplo, a essência gera ou é gerada. Alguns desses termos, no entanto, estão mais intimamente ligados ao pessoal, na medida em que significam princípios de atos próprios das pessoas, e.g., luz, sabedoria, bondade e semelhantes. Assim, é menos inadequado predicar propriedades pessoais de tais, por exemplo, o Filho é luz de luz ou sabedoria de sabedoria. Mas a frase: essência de essência, implica maior dificuldade.

Embora o modo de significar seja diverso no caso dos termos Deus e divindade, a realidade a que se referem é absolutamente a mesma. E, portanto, assim como por razão dessa realidade idêntica um é predicado do outro, como quando Deus é chamado a divindade, ou uma pessoa divina ou o Pai a essência divina, também de vez em quando os santos usaram os termos de forma intercambiável, afirmando, por exemplo, que a essência divina gera porque o Pai que é a essência divina gera, ou que a essência é da essência porque o Filho que é a essência é do Pai que é a mesma essência divina. Cirilo, em seu *Tesouro*, diz: “O Pai, vivendo de si mesmo por sua própria vida e verdadeiramente existindo por sua própria essência, ao gerar o Filho como de uma raiz verdadeira, dá-lhe naturalmente sua própria vida e essência naturais.” Portanto, quando se afirma que o Pai gera sua própria natureza no Filho, isso deve ser interpretado como significando que pela geração ele dá sua própria natureza ao Filho, como no texto de Cirilo citado acima.

Revision #3
Created 1 August 2024 13:41:03 by Admin
Updated 7 August 2024 22:43:35